

## DOMINGO XXI DO TEMPO COMUM

### CIC 796: a Igreja, esposa de Cristo

**796** A unidade de Cristo e da Igreja, Cabeça e membros do Corpo, implica também a distinção entre ambos, numa relação pessoal. Este aspecto é, muitas vezes, expresso pela imagem do esposo e da esposa. O tema de Cristo Esposo da Igreja foi preparado pelos profetas e anunciado por João Baptista<sup>1</sup>. O próprio Senhor Se designou como «o Esposo» (Mc 2, 19)<sup>2</sup>. E o Apóstolo apresenta a Igreja e cada fiel, membro do seu Corpo, como uma esposa «desposada» com Cristo Senhor, para formar com Ele um só Espírito<sup>3</sup>. Ela é a Esposa imaculada do Cordeiro imaculado<sup>4</sup> que Cristo amou, pela qual Se entregou «para a santificar» (Ef 5, 26), que associou a Si por uma aliança eterna, e à qual não cessa de prestar cuidados como ao Seu próprio Corpo<sup>5</sup>:

«Eis o Cristo total, Cabeça e Corpo, um só, formado de muitos [...]. Quer seja a Cabeça que fale, quer sejam os membros, é Cristo que fala: fala desempenhando o papel de Cabeça (*ex persona capitis*), ou, então, desempenhando o papel do Corpo (*ex persona corporis*). Conforme ao que está escrito: «Serão os dois uma só carne. É esse um grande mistério; digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (Ef 5, 31-32). E o próprio Senhor diz no Evangelho: «Já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19, 6). Como vedes, temos, de algum modo, duas pessoas diferentes; no entanto, tornam-se uma só na união esponsal [...] «Diz-se “Esposo” enquanto Cabeça e “esposa” enquanto Corpo»<sup>6</sup>.

### CIC 1061-1065: a fidelidade e o amor absoluto de Deus

**1061** O Credo, tal como o último livro da Sagrada Escritura<sup>7</sup>, termina com a palavra hebraica *Ámen*, palavra que se encontra com frequência no final das orações do Novo Testamento. Do mesmo modo, a Igreja termina com um «Ámen» as suas orações.

**1062** Em hebraico, *Ámen* está ligado à mesma raiz que a palavra «crer», raiz que exprime solidez, confiança, fidelidade. Assim se compreende porque é que o «Ámen» se pode dizer tanto da fidelidade de Deus para conosco como da nossa confiança n'Ele.

<sup>1</sup> Cf. Jo 3, 29.

<sup>2</sup> Cf. Mt 22, 1-14; 25, 1-13.

<sup>3</sup> Cf. 1 Cor 6, 15-17; 2 Cor 11, 2.

<sup>4</sup> Cf. Ap 22, 17; Ef 1, 4; 5, 27.

<sup>5</sup> Cf. Ef 5, 29.

<sup>6</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 74, 4: CCL 39, 1207 (PL 37, 948-949).

<sup>7</sup> Cf. Ap 22, 21.

**1063** No profeta Isaías encontramos a expressão «Deus de verdade», literalmente «Deus do Ámen», quer dizer, o Deus fiel às suas promessas: «Todo aquele que desejar ser abençoado sobre a terra deve desejar sê-lo pelo Deus fiel (do Ámen)» (*Is* 65, 16). Nosso Senhor emprega frequentemente a palavra «Ámen»<sup>8</sup>, por vezes sob forma redobrada<sup>9</sup>, para sublinhar a confiança que deve inspirar a sua doutrina, a sua autoridade fundada na verdade de Deus.

**1064** O «Ámen» final do Credo retoma e confirma, portanto, a palavra com que começa: «Creio». Crer é dizer «Ámen» às palavras, às promessas, aos mandamentos de Deus; é fiar-se totalmente n'Aquele que é o «Ámen» de infinito amor e perfeita fidelidade. A vida cristã de cada dia será, então, o «Ámen» ao «Creio» da profissão de fé do nosso Baptismo:

«Que o teu Símbolo seja para ti como um espelho. Revê-te nele, para ver se crês tudo quanto dizes crer. E alegra-te todos os dias na tua fé»<sup>10</sup>.

**1065** O próprio Jesus Cristo é o «Ámen» (*Ap* 3, 14). É o Ámen definitivo do amor do Pai para connosco; assume e leva a bom termo o nosso «Ámen» ao Pai: «É que todas as promessas de Deus encontram n'Ele um «sim»! Desse modo, por seu intermédio, nós dizemos «Ámen» a Deus, a fim de lhe darmos glória (*2 Cor* 1, 20):

«Por Cristo, com Cristo, em Cristo,  
a Vós, Deus Pai todo-poderoso,  
na unidade do Espírito Santo,  
toda a honra e toda a glória  
agora e para sempre.  
ÁMEN»<sup>11</sup>.

#### **CIC 1612-1617, 2360-2365: o matrimónio no Senhor**

**1612** A aliança nupcial entre Deus e o seu povo Israel tinha preparado a Aliança nova e eterna, pela qual o Filho de Deus, encarnando e dando a sua vida, uniu a Si, de certo modo, toda a humanidade por Ele salva<sup>12</sup>, preparando assim as «núpcias do Cordeiro»<sup>13</sup>.

**1613** No umbral da sua vida pública, Jesus realiza o seu primeiro sinal – a pedido da sua Mãe – por ocasião duma festa de casamento<sup>14</sup>. A Igreja atribui uma grande importância à presença de Jesus nas bodas de Caná. Ela vê nesse facto a confirmação da bondade do matrimónio e o anúncio de que, doravante, o matrimónio seria um sinal eficaz da presença de Cristo.

<sup>8</sup> Cf. *Mt* 6, 2.5.16.

<sup>9</sup> Cf. *Jo* 5, 19.

<sup>10</sup> SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 58, 11, 13: PL 38, 399.

<sup>11</sup> *Doxologia final da oração eucarística: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 455, 460, 464 e 471 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 522, 528, 535, 543, etc.]

<sup>12</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

<sup>13</sup> Cf. *Ap* 19, 7.9.

<sup>14</sup> Cf. *Jo* 2, 1-11.

- 1614** Na sua pregação, Jesus ensinou sem equívocos o sentido original da união do homem e da mulher, tal como o Criador a quis no princípio: a permissão de repudiar a sua mulher, dada por Moisés, era uma concessão à dureza do coração<sup>15</sup>; a união matrimonial do homem e da mulher é indissolúvel: foi o próprio Deus que a estabeleceu: «Não separe, pois, o homem o que Deus uniu» (*Mt* 19, 6).
- 1615** Esta insistência inequívoca na indissolubilidade do vínculo matrimonial pôde criar perplexidade e aparecer como uma exigência impraticável<sup>16</sup>. No entanto, Jesus não impôs aos esposos um fardo impossível de levar e pesado demais<sup>17</sup>, mais pesado que a Lei de Moisés. Tendo vindo restabelecer a ordem original da criação, perturbada pelo pecado, Ele próprio dá a força e a graça de viver o matrimônio na dimensão nova do Reino de Deus. É seguindo a Cristo, na renúncia a si próprios e tomando a sua cruz<sup>18</sup>, que os esposos poderão «compreender»<sup>19</sup> o sentido original do matrimônio e vivê-lo com a ajuda de Cristo. Esta graça do Matrimônio cristão é fruto da cruz de Cristo, fonte de toda a vida cristã.
- 1616** É o que o Apóstolo Paulo nos dá a entender, quando diz: «Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, a fim de a santificar» (*Ef* 5, 25-26); e acrescenta imediatamente: «“Por isso o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher e serão os dois uma só carne”. É grande este mistério, digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (*Ef* 5, 31-32).
- 1617** Toda a vida cristã tem a marca do amor sponsal entre Cristo e a Igreja. Já o Baptismo, entrada no povo de Deus, é um mistério nupcial; é, por assim dizer, o banho de núpcias<sup>20</sup> que precede o banquete das bodas, a Eucaristia. O Matrimônio cristão, por sua vez, torna-se sinal eficaz, sacramento da aliança de Cristo com a Igreja. E uma vez que significa e comunica a graça desta aliança, o Matrimônio entre batizados é um verdadeiro sacramento da Nova Aliança<sup>21</sup>.
- 2630** O Novo Testamento quase não contém orações de lamentação, frequentes no Antigo. Doravante, em Cristo Ressuscitado, a petição da Igreja é sustentada pela esperança, embora ainda estejamos à espera e tenhamos de nos converter em cada dia. É de outra profundidade que brota a petição cristã, aquela a que São Paulo chama *gemido*: o da criação em «dores de parto» (*Rm* 8, 22) e também o nosso «aguardando a libertação do nosso corpo», porque «foi na esperança que fomos salvos» (*Rm* 8, 23-24); e, por fim, os «gemidos inefáveis» do próprio Espírito Santo, que «vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser» (*Rm* 8, 26).

<sup>15</sup> Cf. *Mt* 19, 8.

<sup>16</sup> Cf. *Mt* 19, 10.

<sup>17</sup> Cf. *Mt* 11, 29-30.

<sup>18</sup> Cf. *Mc* 8, 34.

<sup>19</sup> Cf. *Mt* 19, 11.

<sup>20</sup> Cf. *Ef* 5, 26-27.

<sup>21</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 24<sup>a</sup>, *Doctrina de sacramento Matrimonii*: DS 1800; CIC can. 1055, § 1.

- 2631** O *pedido de perdão* é o primeiro movimento da oração de petição (cf. o publicano: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador» (Lc 18, 13). É o preliminar duma oração justa e pura. A humildade confiante repõe-nos na luz da comunhão com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo, bem como dos homens uns com os outros<sup>22</sup>. Nestas condições, «seja o que for que Lhe peçamos, recebê-lo-emos» (1 Jo 3, 22). O pedido de perdão é o preâmbulo da liturgia Eucarística, bem como da oração pessoal.
- 2632** A petição cristã está centrada no desejo e na *busca do Reino* que há-de vir, em conformidade com o ensinamento de Jesus<sup>23</sup>. Há uma hierarquia nas petições: primeiro, o Reino; depois, tudo quanto é necessário para o acolher e para cooperar com a sua vinda. Esta cooperação com a missão de Cristo e do Espírito Santo, que agora é a da Igreja, é o objecto da oração da comunidade apostólica<sup>24</sup>. É a oração de Paulo, o apóstolo por excelência, que nos revela como a solicitude divina por todas as Igrejas deve animar a oração cristã<sup>25</sup>. Pela oração, todo o cristão trabalha pela vinda do Reino.
- 2633** Quando se participa assim no amor salvífico de Deus, compreende-se que *qualquer necessidade* pode tornar-se objecto de pedido. Cristo, que tudo assumiu a fim de tudo resgatar, é glorificado pelos pedidos que dirigimos ao Pai em seu nome<sup>26</sup>. É com esta certeza que Tiago<sup>27</sup> e Paulo nos exortam a orar *em todas as ocasiões*<sup>28</sup>.
- 2634** A intercessão é uma oração de petição que nos conforma de perto com a oração de Jesus. É Ele o único intercessor junto do Pai em favor de todos os homens, em particular dos pecadores<sup>29</sup>. Ele «pode salvar de maneira definitiva aqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus, uma vez que está sempre vivo, para interceder por eles» (Heb 7, 25). O próprio Espírito Santo «intercede por nós [...] intercede pelos santos, em conformidade com Deus» (Rm 8, 26-27).
- 2635** Interceder, pedir a favor de outrem, é próprio, desde Abraão, dum coração conforme com a misericórdia de Deus. No tempo da Igreja, a intercessão cristã participa na de Cristo: é a expressão da comunhão dos santos. Na intercessão, aquele que ora não «olha aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros» (Fl 2, 4), e chega até a rezar pelos que lhe fazem mal<sup>30</sup>.

<sup>22</sup> Cf. 1 Jo 1, 7 – 2, 2.

<sup>23</sup> Cf. Mt 6, 10.33; Lc 11, 2.13.

<sup>24</sup> Cf. Act 6, 6; 13, 3.

<sup>25</sup> Cf. Rm 10, 1; Ef 1, 16-23; Fl 1, 9-11; Cl 1, 3-6; 4, 3-4.12.

<sup>26</sup> Cf. Jo 14, 13.

<sup>27</sup> Cf. Tg 1, 5-8.

<sup>28</sup> Cf. Ef 5, 20; Fl 4, 6-7; Cl 3, 16-17; 1 Ts 5, 17-18.

<sup>29</sup> Cf. Rm 8, 34; 1 Jo 2, 1; 1 Tm 2, 5-8.

<sup>30</sup> Cf. Santo Estêvão rezando pelos que o supliciavam, como Jesus: cf. Act 7, 60; Lc 23, 28.34.